

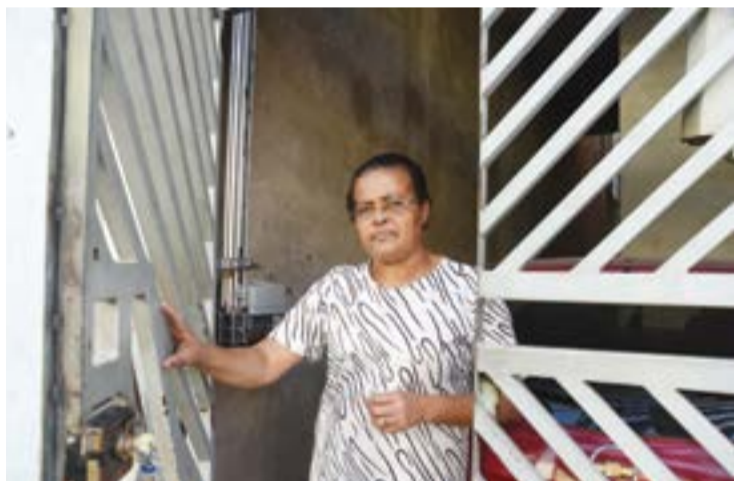
Assaltos viraram rotina para as famílias do bairro

■ Numa volta pelas ruas de São Mateus, na Zona Leste, é raro encontrar pessoas que nunca tenham sido assaltadas. Normalmente, os casos se multiplicam dentro da mesma família.

É o caso da cuidadora Carolina Helena da Silva, 22 anos. Ela já foi assaltada duas vezes. A mãe e o pai, que é taxista, três cada um.

"Na última vez que fui vítima um carro parou do meu lado, quando eu estava indo para o trabalho, e três homens armados me pediram a bolsa", contou Carolina. "É uma situação desesperadora porque, qualquer reação, qualquer coisa que possa parecer um movimento, pode te tirar a vida."

Avenida Mateo Bei é uma das mais movimentadas e com mais casos de roubos em São Mateus



Madalena Araújo no portão eletrônico que colocou em sua casa



Carolina Helena da Silva e a mãe Maria Helena, vítimas de assalto

Latrocínios crescem 41% na capital neste ano

No estado, escalada desse tipo de crime foi de 19% no mesmo período. Estudo mostra que nos roubos a residência o risco de morte é maior

■ Na contramão do crime de homicídio, que vem caindo, o aumento no número de roubos seguidos de morte em São Paulo, em 2017, é o maior desde 2003.

Na capital, os casos de latrocínio tiveram crescimento de 41% no primeiro semestre deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado. De acordo com dados da SSP (Secretaria de Segurança Pública), foram 85 ocorrências do tipo nos primeiros seis meses do ano, contra 60 em 2016.

Já no estado, houve acréscimo de 19% nos casos de latrocínio, passando de 198 registros (no primeiro semestre de 2016) para 237 neste ano.

Para o secretário de Segu-

rança Pública, Márgino Alves Barbosa Filho, "o que acontece é que a violência às vezes se banaliza de tal forma que qualquer esboço de reação da vítima termina provocando uma ação violentíssima do assaltante". Segundo o titular da pasta, "esse tipo de crime é muito difícil de combater porque ele ocorre muito rápido".

Estudo do Instituto Sou da Paz, com dados da SSP, mostra que o lugar mais perigoso para morrer, em caso de assalto, é a própria residência. As estatísticas apuradas pela entidade revelam que um a cada 211 roubos a residência acaba em latrocínio.

Já na chamada saidinha de banco, quando o bandido aborda a pessoa que fez sa-

que, um a cada 987 roubos do tipo termina em morte da vítima. E nos roubos a pedestre, de acordo com a entidade, um a cada 3.920 assaltos tem como desfecho o latrocínio.

Para Ivan Marques, diretor da instituição, a epidemia de roubo no estado de São Paulo propicia um aumento deste tipo de crime. "O latrocínio é o roubo que deu errado", diz.

Na capital, a quantidade de roubos teve alta de 3,2% no primeiro semestre deste ano, passando de 78.153 ocorrências (nos primeiros seis meses de 2016) para 80.724 registros. Já no estado, o aumento nos casos de roubo foi de 0,6% no semestre, passando de 160.734 registros (2016) para 161.819 (2017).

RESPOSTA DA SEGURANÇA

A SSP (Secretaria de Segurança Pública) disse que de janeiro a julho, 161 pessoas foram presas por envolvimento com casos de latrocínio no estado. "O policiamento ostensivo e preventivo é realizado por meio dos Programas de Policiamento de Radiopatrulhamento, de Força Tática, de Ronda Escolar, Rocam (Rondas Ostensivas com Apoio de Motocicletas) e Policiamento Comunitário", disse. "A PM tem

feito 400 operações diárias na Grande São Paulo para combater os crimes contra o patrimônio, que são aqueles que originam os latrocínios. Esse trabalho resultou na prisão de 651 pessoas em flagrante e na apreensão de 39 armas de janeiro a julho." Com relação ao latrocínio que vitimou o aposentado João Araújo, em junho, a SSP disse que dois autores foram presos. O caso foi relatado à Justiça no dia 5 de julho", afirmou.

Opinião

Álvaro Camilo, ex-chefe da PM

Crise e impunidade

■ O aumento no número de latrocínios tem como uma das causas a crise sem precedentes no país, que reflete na sociedade. Além disso, a impunidade vigente pode dar a entender ao criminoso que o crime compensa.

O Brasil tem 14 milhões de

desempregados e em São Paulo (capital e região metropolitana) temos 2 milhões. No quesito impunidade, cito o fato de, em São Paulo, nas audiências de custódia, metade do que a PM prende em flagrante volta às ruas.

Na Cracolândia, por exemplo, um traficante é preso na segunda-feira e, na quinta, já pode estar de volta às ruas. Existem também as saídas temporárias. Há cerca de dois anos saíram em torno de 18 mil presos nas datas comemorati-

vas. No último dia dos pais saíram 30 mil. E 10% não voltam.

A Polícia Militar, apesar de estar há três anos com salários sem aumento, desvalorizada pelo governo, ainda tem a maior taxa de prisão, abordagens e retirada de armas das ruas do país.

Pena que no ranking de reconhecimento salarial estejamos nos últimos lugares da estatística. Sinal de que apesar do excelente trabalho, os agentes não são reconhecidos pelo governo.